

Em torno do Prêmio Leirner

Mário Pedrosa

O acaso fez com que eu estivesse em São Paulo ao proceder-se o júri de premiação da exposição das *Fólias*, sob o mecenato do Sr. Leirner. Assim, por dever de ofício, à noite do dia da premiação, para lá me botei, em companhia de Volpi. Não vou discutir a justeza ou não dos prêmios concedidos, porque isso é não só tarefa fastidiosa, como inócua. Erros, injustiças ou omissões são a parte humana dos julgamentos. Não se pode, entretanto, acusar de má-fé ou *parti pris* uma comissão numerosa, formada de gente de tôdas as tendências e competente. Houve, porém, surpresa quanto à distribuição dos prêmios de pintura.

Havia, na seção de pintura, alguns nomes consagrados, sobre os quais era natural se esperasse que recalissem os prêmios. Assim, Maria Leontina não foi contemplada; Lazzarini, com uma tela em que se mantém na sua boa qualidade costumelra, apenas teve menção honrosa. Mesmo um Lolo Pérsio, que vem obtendo uma série de distinções ininterruptas, desde o ano passado, umas merecidas outras não tanto, desta vez não foi distinguido. O cobicado primeiro prêmio coube, entretanto, a uma pintora ainda quase sem nome. O curioso é que ela tem estatura para o merecer, embora o quadro escolhido positivamente não, (uma espécie de figuração abstrata em vermelho, preto, azetona). Já havia eu notado, na enxurrada de mediocridades da representação brasileira da última Bienal, seu nome pela personalidade de suas abstrações, de seus esquemas formais e franqueza das manchas colorísticas. Desta vez, com três pequenos quadros, um só me chamou a atenção: o em preto e branco. Há all uma continuidade para no ritmo formal, que nos leva de uma ponta a outra da tela sem esbarros, embora marcada por uma série de contramovimentos que torna essa viagem não monótona, mas cheia de surpresas. É pena que essa qualidade dinâmica de seus esquemas formais se apresente num espaço acanhado demais, pois necessitava, ao contrário, maior espaço de superfície: suas composições se atropelam, acanhadas, em telas de pequenas dimensões. Resultado: as formas não respiram nem se expandem, os espaços são abufados. Os outros dois quadros em cores são na verdade muito inferiores.

Mas a experiência mais interessante foi a de estudar a relação entre a reprodução fotográfica em preto e branco, e os quadros informais ou tachistas expostos. Primeira constatação: a reprodução é sempre, invariavelmente melhor que o original. Isso é visível se compararmos a reprodução com a figuração abstrata-informal da tela de Giselda Leirner, ou com a de Jacques Douchez, muito mais experiente e controlado, ou com a de Raimo, ganhador não se sabe por que do 2.º prêmio, e cujo grafismo aparece com certo sentido em preto e branco mas perde-se num jogo frio e elaborado de matérias e cores indecisas; de Francini e de um Norberto Nicola, que não parece destituído de talento. Com este, deu-se fato curioso e inatrativo: o catálogo nos reproduz uma tela sua, que me chamou a atenção: diante dela, a decepção foi grande: a unidade havia sumido, o desenho havia sumido, a escala de valores idem e o uso espacial. Acrescenta-se ainda que a foto havia sido reproduzida de cabeça para baixo, o que melhorava consideravelmente o sentido da composição e a hierarquia dos efeitos. Em cores, a obra era um desastre de confusão e arbitrariedade, e os efeitos a posteriori se isolavam uns dos outros. Mais notável ainda foi a experiência com os japoneses, Fukushima, já nosso conhecido, e Tomie Ohtake que vimos pela primeira vez. Esta, que obteve menção honrosa, na reprodução tinha o vigor de uma mancha em suui (hatsuboku), com seu núcleo negro e seus defeitos gradativos no jogo da luz e da sombra no traço. Na tela mesma, a mancha negra fica cortada pelo contraste de tons caprichosos e banais. Em Fukushima, a mesma coisa se passa, embora com menos violência, mas o todo é um tratamento delicado demais de matéria, que perde qualquer organicidade pela riqueza decorativa e

os atritos que lhe dão caráter mineral.

Não quero terminar essas linhas sem fazer referência a dois artistas campinenses, inteiramente desconhecidos para mim — Tomás Perina e, sobretudo Mário Bueno. Em meio à cacofonia, a pintura deles aparece como uma modesta sensibilidade pictórica em ascensão. Agradou-me, com surpresa, a contribuição à mostra, de certos desenhistas e gravadores; com eles, a reprodução fotográfica é inferior ao original. Se menciono Fábio Barbosa, Barsotti, também menciono Dias, Assenção, Castellano e me perdoem, Izar, sem falar nos laureados.

Certo o adiamento do Salão

Embora ainda não tenha sido formalmente transferida a data de abertura do Salão Moderno, estamos informados de que essa deliberação será tomada pela Comissão Nacional de Belas-Artes, em face do tempo transcorrido sem que nem sequer tenham sido abertas as inscrições para os artistas. Na última reunião da CNBA com a Comissão Organizadora nada ficou decidido com respeito ao local onde se realizará o Salão. A Comissão insiste em que não poderá montar o Salão na sala do MEC (parcialmente ocupada pela Novacap) enquanto a CNBA é de opinião contrária.

Anteontem, uma comissão da ARCO esteve no gabinete do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade, Presidente da CNBA, para manifestar o ponto-de-vista daquela entidade no caso do Salão. Considera a ARCO totalmente impraticável a realização do Salão na sala do MEC, achando que ele deve ser feito no Museu Nacional de Belas-Artes. Por seu lado, o conselho técnico do Museu opõe-se a essa idéia. De tudo isso, o certo é que o Salão não se abrirá no dia 15 de junho.

Concurso ambiente

Encerra-se no próximo dia 31, o prazo para entrega dos trabalhos que concorrerão ao Concurso Nacional para Desenho de Móveis Contemporâneos, patrocinado pela Ambiente—Indústria e Comércio de Móveis S/A, com participação do I.A.B.—Dep. de São Paulo.

Os inscritos deverão remeter seus trabalhos à Secretaria do Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de São Paulo — Rua Bento Freitas, n.º 306, vigorando para o remetente do interior e dos Estados o recibo do Correio ou de outro meio de transporte.

Premiado Burle Marx na Itália

O brasileiro Roberto Burle Marx obteve um Diploma de Honra e uma medalha de ouro na Exposição Internacional de Flores de Trieste. O arquiteto-jardinista Burle Marx estava representado por mostra fotográfica de seus principais jardins, organizada pelo Cônsul do Brasil em Trieste, Margarida Guedes Nogueira.

Da Exposição Internacional de Flores, participaram a Bélgica, Suíça, Países-Baixos, Alemanha, Austria, França, Romênia, Estados Unidos, Espanha e as Cidades de Roma, Nápoles, Trieste e Udine. Os trabalhos de Burle Marx despertaram grande interesse, inclusive da crítica, que considerou como genialia algumas das obras expostas. Também o Comendador Angelo Rinaldi, de São Paulo, que enviou para a exposição com espécimes ramos de orquídeas, obteve dois primeiros prêmios e duas medalhas de ouro.